

Zumbi', uma ópera percussiva, reúne multidão na Bahia

Peça Zumbi transformou o Passeio Público, diante do Palácio da Câmara, em Salvador, no templo dos Palmares. O espetáculo — que tem hoje sua apresentação — foi montado pelo diretor baiano Marcio Meirelles, para marcar os 300 anos da morte do negro Zumbi dos Palmares. Os atores, o coral do Terreiro do Meio e o encontro inédito da percussão do Olodum com o Ilê Aê, Araketu, Malê Debalê e os brancos do Tororó se espalham nos quatro palcos. "É uma ópera percussiva, uma alegoria, para lembrar que a luta continua", diz Meirelles.

O texto é uma síntese da peça Zumbi vivo e continua lutando, dirigida pelo mesmo Meirelles, e já encenada em São Paulo e Salvador. A saga do africano, a escravidão e a luta de Zumbi são lembradas em um espetáculo, que desemboca nas tradições de hoje. A trilha sonora tem os ligados à herança africana — samba, rap, gospel, rap, samba e reggae — e a coreografia é de Zebrinha, do Folclórico da Bahia.

A multidão acompanha a peça e, no deslocamento de palco, há verdadeira correria para não perder os detalhes. A ideia de Meirelles é que platéia e elenco se unam, formando a multidão do Palmares. Na leitura cenográfica de Zumbi, os brancos são representados por enormes bonecos e os negros por um imenso



Divulgação

'Heavy' índio

Misturar a música dos índios brasileiros com o *heavy-metal* é algo aparentemente inusitado. Mas foi o que fez o *Sepultura*, entre os dias 3 e 6 deste mês, quando o grupo conviveu com índios xavantes. Os quatro integrantes da banda foram até a aldeia Pimentel Barbosa, no Mato Grosso, quase fronteira com Goiás, e lá gravaram uma faixa (ainda sem nome) para o próximo disco, *Roots*, que será lançado em fevereiro de 1996. "Pegamos uma base que eu tinha feito e usamos sobre a música dos xavantes, utilizada num ritual de cura. Ela não tem letra, apenas o canto dos índios e o instrumental — dois violões tocados por mim e o Max e a percussão, feita por Paulo e Igor", contou o guitarrista Andreas Kisser (o primeiro à esquerda na foto acima).

A aventura começou em São Paulo. Acompanhados pelo empresário, o produtor Ross Robinson, uma equipe de vídeo, um fotógrafo e um técnico de som, eles embarcaram para Goiânia. Depois, um teco-teco os levou para a aldeia, onde ficaram por três dias. "Vivemos como eles. Dormíamos em redes e acordávamos cedo. Pintávamos o corpo com urucum, o que demorava duas horas, e começávamos a gravar", recorda Kisser.

'Designer' baiana e escultor mineiro expõem no Açude

O Museu do Açude abre suas portas para o registro dos 300 anos de morte de Zumbi. A designer têxtil baiana, Goya Lopes, e o escultor mineiro Jorge dos Santos expõem seus trabalhos até o dia 10 de dezembro, em mostra coordenada por Niara Jost e Paulo Sá. Goya apresenta as estamparias exclusivas que ela desenha em seu atelier em Salvador, como cangas, saias, camisas masculinas e roupas infantis, além de tecidos para decoração de interiores. O escultor Jorge dos Santos apresenta trabalhos em ferro que estão distribuídos pelos jardins do Museu do Açude.

Os filmes em cartaz no Mix

Hoje, no segundo dia do festival Mix Brasil de cinema gay e lésbico, o Espaço Banco Nacional de Cinema apresenta o longa americano *boy* *Lie down with dogs*, de Wally White (às 16h30 e às 20h). O filme mostra as aventuras de um rapaz ambicioso querendo aparecer na cena gay de Princetown, Massachusetts. Os

curtas da seleção *girl* vão do luxuoso videodance de *Reservaat*, de Clara Van Gol, ao sado-masô de *1000 küsse am Wanda*, de Eva Heldman. O programa *Feminale* passa às 18h e às 22h. Todos os filmes serão exibidos em versão original, sem legendas. Amanhã será a vez da seleção brasileira com *Produção nacional*.

novos curtas inscritos especialmente no Mix Brasil. O longa do dia é *Orgia, ou o homem que deu cria* (1970), de João Silvério Trevisan. Faz ainda parte da programação *Qual é o babado?*, precedido por *Madrugada*, de Luiz Eduardo Mihich. *Produção nacional* tem sessões às 16h30 e 20h e *Qual é o babado?* às 18h e 22h.

'Tom merece homenagens'

"Estou há oito meses afastada do Rio, empenhada na feitura de um homem iluminado, a biografia de Antonio Carlos Jobim. Soube do lançamento do livro de José Luiz Sánchez, uma biografia romanceada de meu irmão. Apesar de ter recebido os originais, não pude ainda lê-los. Sinto que não posso afastar-me do clima encantatório em que mergulhei, para resgatar a trajetória de Tom. Mas creio que o livro do Sánchez foi feito com amor e admiração. O fato de sair antes ou depois do meu é irrelevante. Acho que meu irmão, como já declarei antes, merece todas as homenagens, e é bom que sua vida seja revelada sob os mais diferentes pontos de vista. O trabalho do Tárk de Souza, por exemplo, é ótimo. Espero que o do Sánchez também seja."

Helena Jobim

Carta enviada ao JB pela escritora Helena Jobim, a respeito da reportagem publicada na capa do *Caderno B*, na última terça-feira, sobre o livro de José Luiz Sánchez — que sairá antes do de Helena, contra o desejo da viúva Ana Lontra Jobim e do filho de Tom, Paulo Jobim. Helena está num sítio sem telefone, em São José do Rio Preto, perto de Teresópolis.